

Os Nonnos contavam....

Cada um de nós carrega uma história de família que traz para nossa vida traços únicos, peculiaridades, dramas e alegrias. É assim que caminha a humanidade. A minha história, como todas, começa com meus pais. Eles se apaixonaram num baile de Carnaval, daqueles que enchem o ar de alegria e confete. Mas essa não é a história deles. Hoje, quero contar algo mais íntimo e profundo, algo que vem do lado paterno da minha família.

Eu gosto de brincar que tenho um pai importado da Itália. Ele veio para o Brasil em um navio que atracou no Rio de Janeiro ainda menino, com nove anos de idade. Mas, hoje eu volto no tempo, antes dele nascer, para falar dos meus avós: Assunta e Adolfo.

Os dois nasceram em Asciano, Pisa no início do século vinte...Adolfo era um flerte antigo da minha nonna. Eles haviam frequentado a mesma classe na escola primaria, mas o namoro engatou mesmo quando ela começou a ir comprar leite em seu sítio. Ele fazia questão de atendê-la.

Meus avós se casaram apaixonados, lá em 1933, em Roma. Meu nonno Adolfo, de uma família que cultivava a terra, e minha nonna Assunta, uma lavadeira, viviam uma vida simples, mas cheia de amor. Eles construíram uma família. Primeiro nasceu minha tia, e cinco anos depois veio meu pai. Era uma vida modesta, mas feliz. No entanto, a tranquilidade durou pouco, porque logo veio a Segunda Guerra Mundial, afetando a história de toda a humanidade, e a minha família não passou imune,

Quando a guerra começou, meu nonno Adolfo foi convocado.

Logo ele, que nem o exército havia servido! Não tinha preparo algum! Adolfo Ruberti teve que abandonar minha nonna Assunta e os dois filhos pequenos: minha tia, com apenas cinco anos, e meu pai, ainda um bebê de oito meses. Foi aí que começou o longo e doloroso capítulo que minha nonna contaria tantas vezes durante os almoços de domingo, quando íamos visitar a casa deles.

Cada vez que eu chegava, lá estava ela, sempre na cozinha. O perfume acolhedor do molho de tomate já invadia o ambiente, me avisando que teria macarronada. Bastava isso para que as lembranças comesçassem a tomar conta de mim. Eu me esforçava para entender suas palavras, o português ainda soava um tanto enrolado aos meus ouvidos. Mas, com o tempo, fui aprendendo a decifrar cada sílaba, até que suas histórias passaram a fazer completo sentido. No entanto, mesmo antes disso, algo mais profundo já me tocava: a emoção na sua voz, o carinho escondido em cada frase. Eram esses momentos que me faziam sentir em casa, muito além das palavras.

Então, eu sempre pedia que ela me contasse a história dela e do nonno. Com um olhar doce, ela começava a falar... Nos primeiros anos, chegaram algumas cartas de meu nonno Adolfo, poucas e espaçadas, cada uma trazendo um vislumbre de esperança em meio ao caos devastador da guerra. Havia tanto silêncio entre as palavras, mas elas carregavam a promessa de um reencontro. Após dois anos de incertezas, finalmente ele recebeu permissão para visitar a família. A alegria encheu a casa, mas durou apenas alguns dias, como um sonho breve. Logo ele teve que voltar para a batalha, deixando atrás de si mais saudade e apreensão.

A guerra trouxe uma reviravolta devastadora que atingiu a Itália com força total. A destruição estava apenas começando. Após aquela breve visita, o silêncio tomou conta de nossa família. Foram dois anos e meio sem uma única notícia, nem uma palavra, nem um sinal. O tempo passava lentamente, enquanto o sofrimento, a fome e o desespero se tornavam nossos companheiros inseparáveis. Minha nonna vivia aprisionada na incerteza, agarrando-se a uma esperança que parecia cada vez mais distante. Quando a guerra finalmente terminou, muitos homens retornaram para suas famílias. Mas outros tantos não voltaram, e o que suas famílias receberam foi a dolorosa confirmação do pior. Para minha nonna, o vazio era o único presente. Meu nonno Adolfo ainda não havia voltado, e ninguém sabia o que tinha acontecido com ele

As notícias vinham da cruz vermelha ou chegavam na missa aos domingos, e já haviam avisado, após 25 de outubro de 1945 caso não houvesse notícias...Era para perder as esperanças... Nessa parte tenho a lembrança da sua voz a contar: era meados de outubro e ela tinha ido até a cidade entregar as roupas limpas, lá o boato que se espalhava era que tinha voltado um soldado para Asciano... Minha tia com então nove anos recebeu o boato primeiro e correu para a entrada de Aciano, meu pai foi atrás curioso, não tinha lembrança alguma do pai.

É uma cena de cinema que se forma em minha mente, com uma música emocionante do Ennio Morricone ao fundo...Minha tia gritava “babbo é tornato a casa” e eles se encontram bem em frente ao cemitério. Ela correndo e chorando de braço abertos, ele montado numa bicicleta sem pneu. Foi quando o abraço acontece e um menino ao fundo fica observando tudo, sem saber bem o que fazer...Meu pai ao ver a alegria de sua irmã se dá conta: esse é meu Babbo!

Adolfo chegou primeiro, trazendo as crianças para a casa de sua mãe antes da minha nonna, e foi recebido com festa por todo o vilarejo! Essa era uma parte da história que ela adorava contar, e eu me lembro bem do tom de triunfo em sua voz. Pouco depois, minha nonna chegou também, pedalando sua bicicleta pela estrada. Ao se aproximar da casa, viu que estava cheia de vizinhos, todos reunidos para celebrar o retorno de Adolfo. Foi então que o tão esperado reencontro aconteceu! E eu, sempre curiosa, perguntava com um sorriso: 'Teve beijo?

Não, primeiro esclareci tudo...Outra cena de filme...Ela entra em cena e já fala sobre tudo, detalhe na presença de todos!!!Adolfo agradeça fulano, beltrano e ciclano salvaram seus filhos da fome e da desgraça! Agradeça também sua cunhada por falar mal da minha reputação!!!

Basta!!! Gritou minha bisnonna! Assunta é uma Donna Honesta filho mio!!Todos para fora! Adolfo precisa comer e repousar, falou firme. Essa parte diz muito da coragem da minha nonna!

A guerra tinha acabado, mas o sofrimento longe disso... O homem que passou pela porta da casa não era o mesmo que havia partido anos antes. Minha nonna descrevia aquele reencontro com uma dor que nunca diminuiu com o tempo. Durante quarenta dias inteiros, eles não trocaram uma só palavra. Para mim, criança, era difícil de acreditar, já que meus avós falavam tanto, riam, até discutiam em voz alta, com aquela paixão típica dos italianos. Mas naquela época... quarenta dias de silêncio absoluto.

Minha nonna contava que ele havia voltado frágil, deprimido e doente. A guerra havia roubado dele não apenas os anos que passaram separados, mas também algo dentro de si que ele nunca mais conseguiu recuperar completamente. Eles viveram coisas que jamais poderiam esquecer. E, por isso, ficaram em silêncio. Não eram mais os mesmos, não sabiam mais como recomeçar. Até que, de repente, um dia, ele tomou a iniciativa e começou a falar novamente. Minha nonna tinha esperado todo esse tempo. Esperado em silêncio, com paciência, com amor.

Ela me contou essa história muitas vezes, e, conforme eu crescia, me via identificando com diferentes lados dessa narrativa. Eu nunca soube a versão dele, o que ele sentiu ou pensou durante todo esse tempo. Mas, ao ouvir o relato da minha nonna, ficou claro para mim que essa era uma história de amor resiliente, um amor que resistiu ao tempo, à distância e à dor.

Eles ficaram juntos por 55 anos. Cinquenta e cinco anos de companheirismo, de parceria, de amizade e afeto. Para mim, essa é a maior história de amor que conheço. Uma história que carrego comigo como exemplo de força e superação. E, com lágrimas nos olhos, encerro esse conto com a certeza de que ter vivido com meus avós foi um privilégio. Eles me ensinaram, sem saber, o que é o verdadeiro amor.